

JORNAL: Brasil Arquitetura Contemporânea LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 10/1/1954 AUTOR: Antonio Bento

TÍTULO: A Pintura Brasileira na IIª Bienal de São Paulo.

ASSUNTO: II Bienal de SP. - fotografia de quadros de Irem (premiado)

*Brasil arquitetura contemporânea - janeiro 1954*

## A PINTURA BRASILEIRA NA II.ª BIENAL DE SÃO PAULO

Texto de Antonio Bento



*Djanira, Natureza Morta em Sta. Tereza.*



1

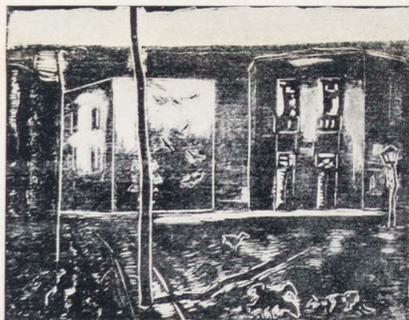
Nota-se na produção dos novos pintores brasileiros a tendência ou o propósito de acompanhar de perto o desenvolvimento da arte européia de vanguarda. Sob esse aspecto, encontramos hoje mais "avançados", si assim se pode dizer, do que as gerações do século passado, que só tardiamente tomavam conhecimento da renovação das artes plásticas no Velho Mundo.

A situação presente deve ser atribuída à facilidade de comunicações assim como às informações encontradas em livros e revistas especializadas.



3

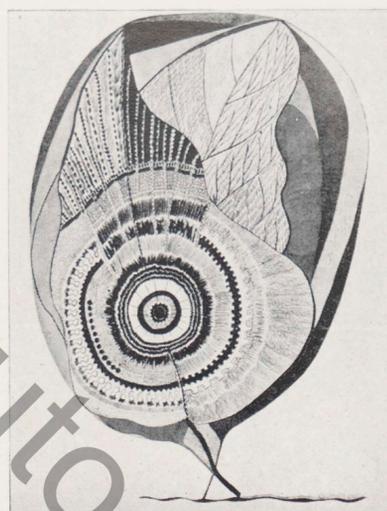
1 — Aldemir Martins, *Cangaceiro*, 1953; 2 — Arnaldo Pedroso Horta, *Folhagem*, n.º 4, 1953; 3 — Poti Lazzarotto, *Litografia*, 1952; 4 — Darcy Penteadó, *Cabeça*, n.º 1, desenho; 5 — Oswaldo Goeldi, *Gravura*; 6 — Marina Karau, *Gravura*; 7 — Marcelo Grassmann, *Incubus Sucubus* n.º 6, *Xilografia*, 1953.



5



6



2



4



7



1

1 — Mariani Overbeck, *Criança no fundo azul*; 2 — Caelano Fracaroli, *Mística* n.º 2, *escultura*.

2



#### Pintura Prêmios de Aquisição

- Paulo Rissone (50.000,00) Brasil.
- Giuseppe Santomaso (50.000,00) Itália.
- Petar Lubarba (50.000,00) Iugoslávia.
- Friedrich Vordemberg Gildewart (50.000,00) Holanda.
- Antonio Tapiés (30.000,00) Espanha.
- Geraldo de Barros (30.000,00) Brasil.
- Gaston Bertrand (30.000,00) Bélgica.
- Luiz Matinez Pedro (25.000,00) Cuba.
- Ivan Serpa (20.000,00) (Prêmio Museu de Arte Moderna do Rio) Brasil.
- Alexandre Wallner (20.000,00) Brasil.
- José Fábio Barbosa da Silva (10.000,00) (M. A. M. R.) Brasil.
- Alfredo Hlito (10.000,00) (M. A. M. R.) Argentina.
- Elisa Martins da Silveira (10.000,00) Brasil.

#### Escultura

- Maria Martins (50.000,00) Brasil.
- Georg Brenninger (50.000,00) Alemanha.
- Alexandre Calder (50.000,00) Estados Unidos.
- Wander Bertoni (30.000,00) Austria.
- Caciporé Tôrres (30.000,00) Brasil.
- Mary Vieira (20.000,00) (Prêmio M. A. M. R.) Brasil.

#### Gravura

- Gustav Kurt Beck (20.000,00) Austria.
- Marcelo Grassmann (20.000,00) Brasil.
- Henri Georges Adam (15.000,00) França.
- Arthur Luiz Piza (15.000,00) Brasil.

#### Desenho

- Aldemir Martins (15.000,00) Brasil.
- Otto Pancok (15.000,00) Alemanha.
- Hilde Weber (10.000,00) Brasil.

#### Prêmios especiais

Os dois prêmios de aquisição de 40.000,00 do Círculo e Câmara Italiana de São Paulo, foram atribuídos aos italianos Bruno Saetti (pintura) e Marcelo Mascherini (escultura).

#### Prêmio Fiat (Um milhão de liras)

— Ao pintor Antonio Bandeira — Brasil.

#### Prêmio Câmara de Comércio Francesa de São Paulo

— Ao pintor Leon Gischia — França.

#### Fundo de Aquisição

Resolveu ainda o Juri de Premiação aconselhar o Museu de Arte Moderna de São Paulo a empregar o fundo de aquisição de Cr\$ 100.000,00 e o fundo de aquisição Marganti (50.000,00) na compra de obras dos seguintes artistas:

Abraham Platinik (Brasil) — Maria Helena Vieira da Silva (França) — Pierre Soulages (França) e C. Karel Appel (Holanda).

Nota — A exposição Picasso, de acordo com os entendimentos havidos com o artista é "hors concours" na II.ª Bienal, não estando sujeita ao julgamento do juri. O mesmo critério prevaleceu nas diversas retrospectivas, como as do Cubismo e Futurismo.



1



2

1 — Di Cavalcanti, *Vendedores*; 2 — Tiziana Bonazzola, *Trabalhadores*; 3 — Di Preti, *Colar de Pérolas*; 4 — Flavio de Carvalho, *Retrato de Yara Bernette*, 1953; 5 — Yolanda Mohraly, *Na Feira de Santana*, 1952; 6 — Armando Balloni, *Bailarina*; 7 — Firmino Fernandes Saldanha, *Figura*.



3



4



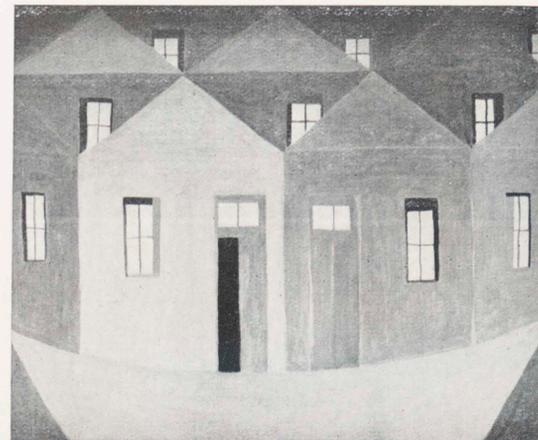
5



6



7



1



2

### DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS DA II.ª BIENAL

O Juri de Premiação de Artes Plásticas da II.ª Bienal de São Paulo, constituído por Emile Langui, Sir Herbert Read, James Johnson Sweeney, Rodolfo Pallucchini, E. Hanfstaengl, Bernard Dorival, Sandberg, Juan Ramon Masoliver, Max Bill, Jorge Romero Brest, Sérgio Milliet, Mário Pedrosa, Tomás Santa Rosa e Wolfgang Pfeiffer, decidiu outorgar, em caráter definitivo, os prêmios anunciados pela II.ª Bienal de São Paulo, aos seguintes artistas:

— Prêmio IV Centenário (200.000,00) ao escultor Henri Laurens (França).

— Melhor Pintor Estrangeiro (100.000,00) aos pintores Rufino Tamayo (México) e Alfred Manessier (França).

— Melhor pintor nacional (100.000,00) aos pintores Di Cavalcanti e Alfredo Volpi.

— Melhor escultor estrangeiro (100.000,00) ao escultor Henry Moore (Inglaterra).

— Melhor escultor nacional (100.000,00), para Bruno Giorgi.

— Melhor gravador estrangeiro (50.000,00) para Giorgi Morandi (Itália).

— Melhor gravador nacional (50.000,00) para Livio Abramo.

— Melhor desenhista estrangeiro (50.000,00) para Ben Shaw (Estados Unidos).

— Melhor desenhista nacional (50.000,00) para Arnaldo Pedroso d'Horta.

1 — Alfredo Volpi, *Casas*; 2 — Dea Campos Lemos, *Composição*; 3 — José Antonio da Silva, *Abandono do Campo*; 4 — Hektor dos Prazeres, *Jogo no Barraco* 1953.



3



4



Tarsila do Amaral, Mercado.

Por isso mesmo, do ponto de vista brasileiro, os artistas mais representativos da nossa pintura moderna, nesta II.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, são ainda Tarsila e Di Cavalcanti, veteranos da Semana de 1922. Ambos expressam-se através de uma plástica que, embora ligada à Escola de Paris, pode ser considerada como legitimamente nossa. Tarsila, depois de um aprendizado fecundo com Leger e Lhote, beneficiou-se dos ensinamentos do cubismo. Mas nunca deixou de considerar que devia, antes de qualquer compromisso com a linguagem plástica européia, expressar-se como brasileira. Suas paisagens paulistas têm por isso mesmo um timbre nacional inconfundível. Podem ser filiadas à Escola de Paris, mas participam de uma certa ingenuidade e de um lirismo caipiras, que lhes imprimem vida e autenticidade. O mesmo se verifica com Di Cavalcanti que, embora sofrendo a princípio pequenas e incidentes influências de Picasso e Derain, manteve certas características brasileiras invariáveis através de sua obra que, como já foi observado, liga-o sob determinados aspectos, aos mestres mexicanos modernos.

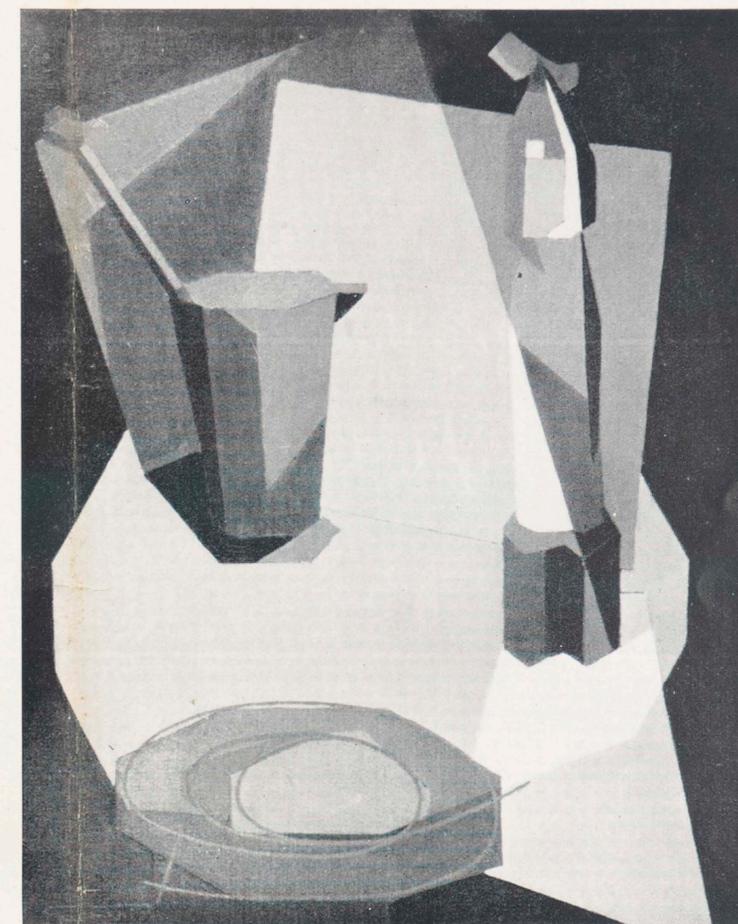
Entre as novas tendências não há a menor preocupação de fazer arte brasileira. Queremo-nos equiparar a todo custo aos europeus, com o que evidentemente nos enfraquecemos.

Esta é uma das reflexões que nos acodem, no exame da secção brasileira de pintura, da qual estão, lamentavelmente, ausentes artistas como Portinari, Segall, Guignard, Pancetti, Iberê Camargo e Clovis Graciano.

Mas, sob o aspecto artístico, a dependência em que nos encontramos em relação à Europa, é, hoje, idêntica à do século XIX, após a vinda, para o Rio de Janeiro, da Missão Francesa.

Examinando-se quadros da retrospectiva da Paisagem Brasileira de Franz Post a Batista da Costa, tão bem orga-

1 — Fernando Romani, *La femme blessée*, 1953;  
2 — Mario Zanine, *Composição*.

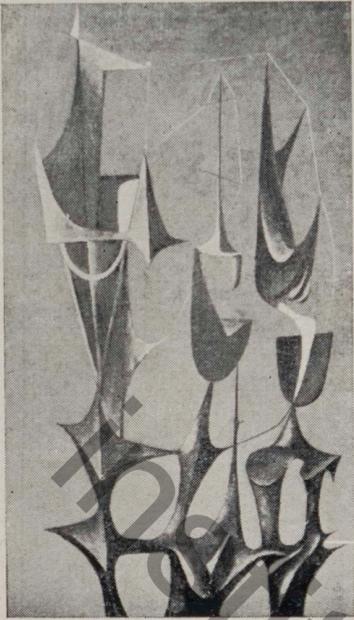


1

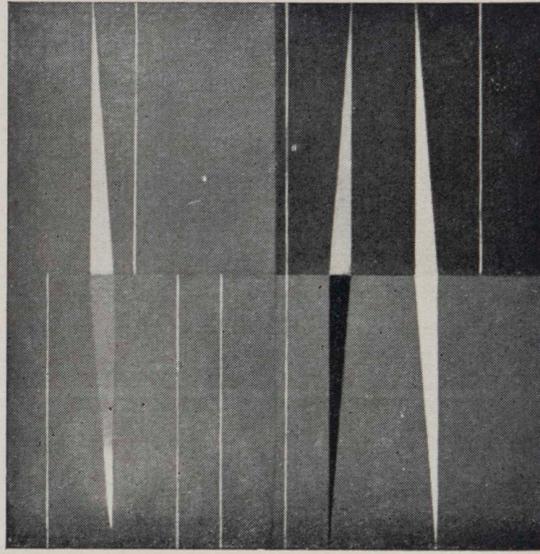


2

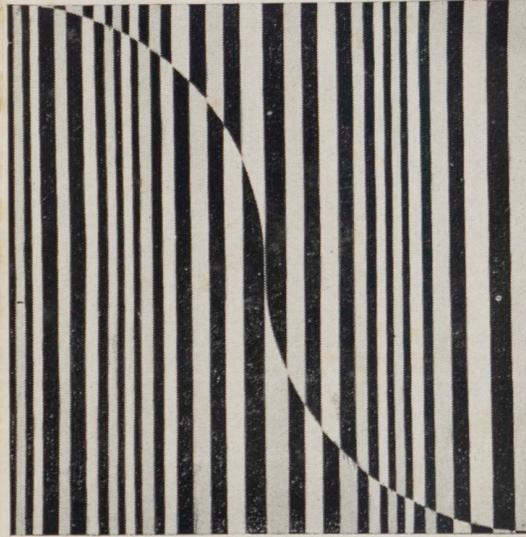
nizada pelo Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo M. F. de Andrade, verifica-se um sensível movimento de academização da nossa pintura, na segunda metade do século passado. Comparadas com as paisagens do velho Rio Colonial do século XVIII, observa-se, a partir de 1850, na maioria dos quadros apresentados, a preocupação de pin-



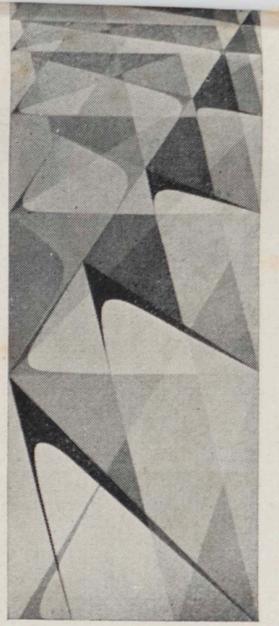
1



2



3



4

tar segundo as receitas de atelier. Disso resultou uma queda sensível não apenas da qualidade artística da nossa pintura, mas do seu próprio caráter brasileiro, que foi aos poucos desaparecendo.

Hoje, na época do modernismo, cuja tendência na Europa é universalista, em oposição aberta à das escolas nacionais do passado, não se pensa mais em fazer uma pintura brasileira. Algumas das novas tendências abs-

tracionistas querem mesmo ser tão avançadas como as correntes européias saídas do Bauhaus e da arte internacionalista de vanguarda.

Não há dúvida que a orientação atual contrasta com a dos pintores da primeira fase do modernismo, que se preocupavam em fazer antes de tudo uma arte brasileira. Queriam, de preferência, atingir o universal através do nacional, segundo preconizava Mario de Andrade, o teórico por excelência do modernismo.

1 — Walter Levy, *Pintura*, 1953; 2 — Ivan Serpa, *rítmicos resultantes c/ dominante vermelho amarelo*; 3 — Geraldo de Barros, *Descontinuidade*; 4 — Sanson Flexor, *Progressão n.º 1*; 5 — Antonio

*Bandeira*, *Árvores no crepúsculo lilás*, 1953; 6 — Adolfo Bonadei, *Composição*, 1953; 7 — Faiga Ostrower, *Xilografia*, VTEC.

5



6



7

